

Sândi vocálico externo nas *Cantigas de Santa Maria*: ditongação

(Process of external vocalic sandhi in *Cantigas de Santa Maria*: diphthongization)

Ana Carolina Freitas Gentil Almeida Cangemi¹

¹Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP)

carolcangemi@gmail.com

Abstract: This study has as main aims the mapping and the analysis of diphthongization as a process of external vocalic sandhi in Afonso X (the Wise)'s *Cantigas de Santa Maria* - Galician Portuguese religious cantigas (13th century). The sandhi processes under investigation are those that happen between words, i.e. elision, diphthongization, crasis (MASSINI-CAGLIARI, 2005, for Archaic Portuguese) and hiatus. We intend, by doing this study and from a non-explored corpus (especially as for linguistic themes (SNOW, 1987, p. 478-480; MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 24-26)), to reach a deeper knowledge of Portuguese prosody in the period of its recognition as an “independent” language in relation to Latin. Therefore, the analysis of some linguistic characteristics of the past of Portuguese will be able to clarify facts of its current structure.

Keywords: sandhi processes; archaic Portuguese; medieval Galician-Portuguese cantigas; *Cantigas de Santa Maria*.

Resumo: O presente estudo tem como objetivos principais o mapeamento e a análise da ditongação como um processo de sândi vocálico nas cantigas religiosas galego-portuguesas de Afonso X, o rei Sábio – século XIII. Serão considerados como objeto de estudo os processos que ocorrem através da junção intervocabular de palavras, os quais constituem os processos de elisão, ditongação, crase (cf. MASSINI-CAGLIARI, 2005) e o hiato, para o Português Arcaico. Por meio deste trabalho e a partir de um corpus ainda pouco explorado (sobretudo quanto a temas linguísticos – cf. SNOW, 1987, p. 478-480; MASSINI-CAGLIARI, 2005, p. 24-26), pretendemos contribuir para o aprofundamento do conhecimento da história da prosódia do português no período de seu reconhecimento como língua “independente” do latim. Dessa forma, a elucidação de algumas características do passado linguístico do português poderá contribuir para esclarecer fatos da sua estrutura atual.

Palavras-chave: Processos de sândi vocálico externo; português arcaico; cantigas medievais galego-portuguesas; *Cantigas de Santa Maria*.

Introdução

O objetivo principal deste estudo é observar o comportamento dos processos de sândi que ocorrem em junção de palavras do português na época medieval — Português Arcaico (PA), com destaque para a ditongação; em outras palavras, serão investigados os processos de sândi vocálico externo, em uma perspectiva derivacional não-linear — em especial a Teoria Fonológica — Nespore e Vogel (1986) e Teorias da Sílabas — Selkirk (1984) e Hogg e McCully (1987) —, a partir de um *corpus* composto de sessenta cantigas medievais religiosas galego-portuguesas: as *Cantigas de Santa Maria* (CSM).

Com relação ao PA, Massini-Cagliari (2005) refletiu que o sândi nas CMS é fortemente condicionado por fatores linguísticos, sendo a ocorrência de elisões, ditongações e crases determinada muito mais pela própria estrutura da língua dos trovadores do que

pela sua “vontade”. O trabalho de Massini-Cagliari (2005) selecionou, de acordo com o propósito da autora, cinquenta *CSM* das quatrocentas e vinte produzidas por Afonso X, o rei Sábio.

Neste estudo proposto por nós, partimos das reflexões e dos resultados a respeito dos processos de sândi vocálico externo feito pela autora. No entanto, mapearemos e analisaremos as soluções dadas para os encontros intervocabulares presentes nas sessenta primeiras *CSM*, isto é, não nos basearemos na seleção feita por Massini-Cagliari (2005) e consideraremos a sequência cronológica da coleção original de cem poemas, correspondendo ao Códice de Toledo (To), por serem as mais antigas, constarem em três outros manuscritos e corresponderem à compilação original da coleção (cf. PARKINSON, 1998).

A partir dessa escolha, já podemos perceber que, embora tenhamos o mesmo objeto de estudo de Massini-Cagliari (2005), os processos de sândi no PA, apenas pela ampliação do *corpus*, já é possível encontrar, através do mapeamento e das análises realizadas até o momento, alguns processos de solução para encontros vocálicos intervocabulares que não foram ainda discutidos e que, portanto, ainda não foram nem nomeados na literatura sobre o assunto.

Assim, a fim de observar e analisar esses processos, usufruímos de uma metodologia que parte da escansão e da contagem das sílabas poéticas dos versos para poder elucidar dúvidas acerca da consideração de uma sequência de vogais pertencentes a duas palavras em uma única sílaba fonética (elisão, crase, ditongação, outro processo ainda não nomeado) ou em sílabas diferentes (hiato).

Veremos que o processo de ditongação, se comparado aos outros processos citados acima, é minoritário. A ditongação, como um processo de sândi externo, consiste na união de duas vogais em uma única sílaba: uma sílaba localizada no final da primeira palavra e a outra no início da segunda palavra; assim tem-se uma combinação de semivogal e vogal. Adiante mostraremos os motivos para a pequena recorrência dessa solução e o contexto de sua aplicação, bem como as vogais envolvidas nos processos e sua motivação.

Corpus: Cantigas de Santa Maria

As *CSM* do Rei Afonso X de Castela, o Rei Sábio, são uma coleção de 420 cantares em louvor da Virgem Maria.

The Cantigas de Santa Maria is a collection of more than four hundred poems recounting miracles worked through the intercession of the Virgin Mary or songs of praise in her honor. The text of many is illuminated in full-page miniatures. The poems were written in the language of medieval Galicia and Portugal, the medium of expression preferred by the lyric poets of that day. (O'CALLAGHAN, 1998, p. 1)

Em sua maioria, as *CSM* contêm notação musical e todas são compiladas em galego-português por Afonso X – o rei Sábio. Além da notação musical, as cantigas contêm, também, iluminuras – desenhos miniaturizados que representam o conteúdo que está sendo narrado na respectiva cantiga. Tais cantigas foram mandadas compilar pelo Rei Sábio de Castela e chegaram até nós através de quatro manuscritos antigos denominados códices.

As *CSM* foram escolhidas com intuito de observarmos e estudarmos os processos de juntura de palavras que ocorriam no PA, uma vez que essas se enquadram no recorte feito do período denominado PA ou galego-português.

Segundo Ilari e Basso (2007, p. 21), a língua em 1100, no berço do Estado português, era muito parecida com o galego, por isso a denominação galego-português, ou seja, por apresentar notáveis parecenças com a língua falada na outra margem do rio Minho. Encontramos na bibliografia especializada essa denominação, galego-português, aplicada à variedade literária desse período: a lírica trovadoresca. No século XIII, o galego-português foi usado como língua da poesia não só por trovadores portugueses como Dom Dinis – rei a partir de 1290 –, mas também por trovadores de outras regiões da Ibéria – por exemplo, Afonso X, o Sábio, rei de Castela.

Massini-Cagliari (2007, p. 122) demonstra que o galego e o português daquela época não devem ser considerados línguas diferentes, mas sim “uma e a mesma língua”. A autora, a partir da comparação entre as cantigas profanas (provenientes de Portugal) e as religiosas (compiladas em Toledo), ressalta que essas duas vertentes são muito próximas em relação aos elementos prosódicos e que “as distinções linguísticas [...] não são de tipologia dos fenômenos, mas de frequência. Não havendo distinções tipológicas, não há diferença de sistema” (MASSINI-CAGLIARI, 2007, p. 122). Nessa perspectiva é possível inferir que o galego-português pode ser considerado uma manifestação ancestral legítima do Português e, devido a essa constatação, é que foram escolhidas as *CSM* como *corpus* representante para o estudo dos processos de sândi vocálico externo no PA.

As *CSM* chegaram até os dias atuais por meio de quatro manuscritos antigos, conhecidos como códices:

E: El Escorial, Real Monasterio de san Lorenzo, MS B.I.2 (conhecido como Escorial ou códice dos músicos) – o mais completo de todos;

T: El Escorial, Real Monasterio de san Lorenzo, MS T.I.1 (códice rico ou códice das histórias) – considerado o mais rico em conteúdo artístico (sobretudo iconográfico);

F: Firenze, Biblioteca Nazionale Centrale, Banco Rari, 20 (códice de Florença) – que forma um conjunto com o códice Escorial rico, uma vez que as cantigas que contém completam o códice T;

To: Toledo, Madrid, Biblioteca Nacional, MS 10.069 – o menor e mais antigo de todos, que contém também um índice de cem cantigas.

Nosso estudo parte de um recorte de sessenta *CSM* pertencentes ao códice de Toledo (To), uma vez que estas fazem parte do códice mais antigo e estão presentes em dois outros manuscritos, correspondendo à compilação original da coleção. (cf. PARKINSON, 1998).

Metodologia

Antes de refletirmos sobre a metodologia empregada para a análise dos processos de sândi vocálicos externo nas *CSM*, veremos introdutoriamente o que é nomeado pela literatura de sândi vocálico externo.

O termo sândi, proveniente da antiga gramática sanscítica, designa as alterações mórficas e fonológicas causadas pelo contato entre formas da língua. Essas alterações

podem ocorrer tanto no interior do vocábulo, sendo assim interno, quanto na justaposição vocabular – final de uma palavra com o início de outra; neste caso, o processo é denominado, então, como externo.

Termo usado na SINTAXE e na MORFOLOGIA para indicar uma MODIFICAÇÃO FONOLÓGICA de FORMAS GRAMATICAIS que ficaram justapostas. O termo deriva de uma palavra do sânscrito que significa “junção”. As formas de sân-di passaram por modificações específicas em circunstâncias específicas (isto é, várias regras de sân-di foram aplicadas) [...]. Nas línguas em que as formas sân-di são complexas, existe às vezes a distinção entre “sân-di externa” (REGRAS de sân-di que operam no limite da palavra) e “sân-di interna” (regras que operam dentro das palavras). (CRYSTAL, 2000, p.196, grifos do autor)

Portanto, os processos fonológicos que ocorrem entre palavras e, também, entre clíticos e palavras (assim são os casos de elisão, crase, ditongação e degeminação; sendo os três primeiros comentados neste artigo) são tratados como processos de sân-di vocálico externo, i.e., eles são externos à palavra, ocorrendo em juntura de palavras, em um nível pós-lexical. Existem, como dito acima, os processos de sân-di vocálico interno: processos que ocorrem no interior da palavra, como a degeminação e a ditongação, que podem ocorrer no interior de palavras (1):

- (1) ál[koow] > ál[kow] – degeminação
t[i.a]go > t[ja.]go – ditongação

No PB há poucas ocorrências de elisão nos limites da palavra, motivada pela flexão ou pela derivação; dessa forma, a elisão é tradicionalmente considerada um processo de sân-di externo, por não ocorrer com tanta frequência no interior de palavra, se comparado com sua recorrência entre palavras.

Para Trask (2004, p. 260), o sân-di é uma “modificação de pronúncia numa fronteira gramatical”; para Xavier e Mateus (1990, p. 327-28), é um “fenômeno da fonética sintáctica em que um segmento inicial ou final de palavra é afectado pelo contexto em que ocorre, podendo apresentar diferentes realizações que dependem das características do som que antecede ou segue uma fronteira de palavra”.

Segundo Abaurre (1996), no Português Brasileiro atual, a aplicação dos processos fonológicos de sân-di externo é condicionada pelo acento principal do sintagma fonológico (ϕ). Esse, por sua vez, codificaria as informações referentes ao parâmetro da direção da recursividade sintáctica nas línguas. Abaurre, Galves e Scarpa (1999) observam que a sílaba que porta o acento nuclear deve ser preservada, por carregar informação sintáctica relevante (a direção de recursividade sintáctica), não podendo, então, sofrer processos de redução. Bisol (2000) observa, no entanto, que as sílabas não-acentuadas que se encontram na direção do acento nuclear tendem a ser preservadas também.

No que toca à Fonologia Prosódica (NESPOR; VOGEL, 1986), o objetivo desta seria capturar essas interfaces, pois os domínios de aplicação de regras fonológicas não são necessariamente isomórficos aos constituintes sintáticos.

A fim de observar e analisar esses processos, partimos da escansão e da contagem das sílabas poéticas dos versos das CSM para poder elucidar dúvidas acerca da consideração de uma sequência de vogais pertencentes a duas palavras em uma única sílaba poética ou em sílabas diferentes.

Como solução para o primeiro caso – sequência de vogais pertencentes a duas palavras em uma única sílaba poética – encontram-se a elisão, a ditongação, a crase e um outro processo ainda não nomeado pela literatura especializada. No segundo caso – sequências vocálicas em sílabas diferentes – tem-se a ocorrência do hiato.

Uma introdução à aplicação da metodologia acima descrita à análise dos dados das cantigas medievais religiosas, com vistas ao mapeamento dos processos de sândi, está exemplificada em (2), em que aparecem as duas primeiras estrofes da *CSM* 29.¹

- (2) Esta é como Santa Maria fez parecer nas pedras
omagões a ssa semellança.

Nas mentes senpre têer **A**⁷
devemo-las sas feitur **B**⁷
da Virgen, pois receber **A**⁷
as foron as pedras duras. **B**⁷

Per quant' eu dizer oý **c**⁷
a muitos que foron y, **c**⁷
na santa Gessemani **c**⁷
foron achadas figuras **b**⁷
da Madre de Deus, assi **c**⁷
que non foron de pinturas. **b**⁷
Nas mentes sempre têer...

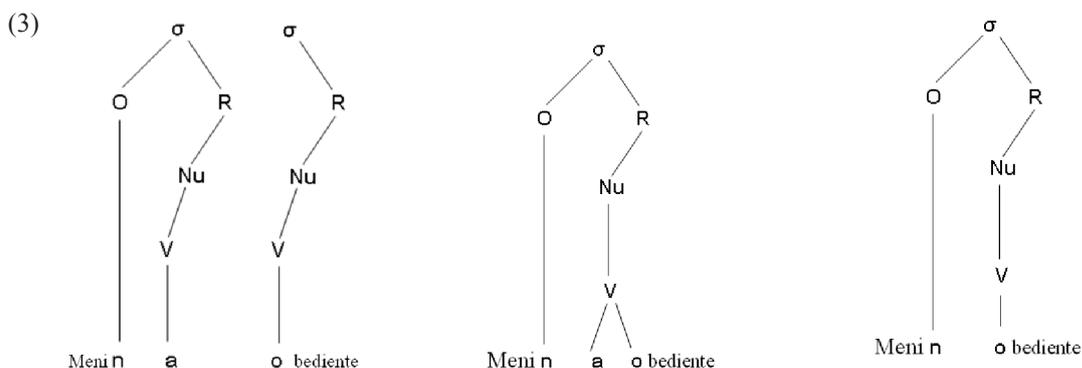
Nen ar entalladas non **d**⁷
foron, se Deus me perdon, **d**⁷
e avia y fayçon **d**⁷
da Sennor das aposturas **b**⁷
con sseu Fill, e per razon **d**⁷
feitas ben per sas mesuras. **b**⁷
Nas mentes sempre têer

Nesta cantiga, os versos contêm 7 sílabas poéticas. É possível estabelecer a solução dada pelo trovador quando ocorrem encontros de vogais entre palavras. Exemplo: as elisões estão presentes nas quatro estrofes e no refrão: *da(s)* = de+a(s) (terceiro verso do refrão, quinto verso da primeira estrofe, quarto verso da segunda estrofe, quarto verso da terceira estrofe, sexto verso da quarta estrofe); *quant'eu* = quanto + eu (primeiro verso da primeira estrofe); *Fill'e* = Fillo + e (quinto verso da segunda estrofe); *muít'e* = muito + e (segundo verso da terceira estrofe); *d'escuras* = de + escuras (sexto verso da terceira estrofe); *x'as* = xe + as (primeiro verso da quarta estrofe).

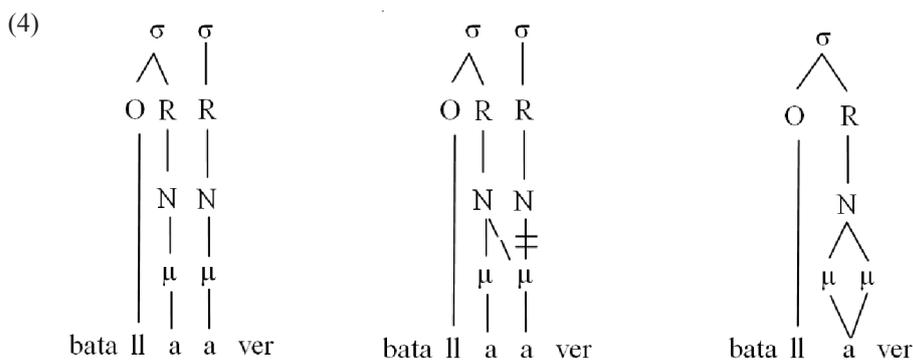
Além disso, devem ser consideradas como hiatos as sequências E-A (terceiro verso da segunda estrofe e terceiro verso da quarta estrofe) e A-I (terceiro verso da segunda estrofe). Notamos que nessa cantiga a solução de ditongação não foi encontrada, devido à marginalidade desse processo no contexto geral do *corpus*, mas isso veremos adiante.

¹ As letras maiúsculas A e B representam o padrão de rima do refrão; já as minúsculas b, c, d, e, f representam o padrão rimático das estrofes. Ao final do verso, as letras são seguidas de um algarismo, que representa a quantidade de sílabas poéticas do verso. As sílabas em sublinhado correspondem ao processo de elisão da última vogal da primeira palavra com a primeira vogal da segunda palavra, já as em negrito correspondem à formação do hiato da última vogal da primeira palavra com a primeira vogal da segunda palavra.

A elisão ocorre normalmente quando o núcleo da sílaba átona final da primeira palavra for preenchido, ou seja, em um encontro intervocabular, a presença de duas vogais em sequência fica sob o domínio de uma mesma sílaba, ocorrendo uma ressilabação. Assim, a vogal átona final da primeira palavra é apagada, e uma nova sílaba é formada, a partir da junção do núcleo da sílaba átona final da primeira palavra com a vogal inicial da segunda palavra (3).



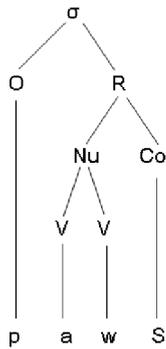
A crase consiste na união de duas vogais idênticas adjacentes e foi um fenômeno constante (mas nem sempre aplicado nos mesmos contextos) na evolução do PA para o moderno. No PA, Massini-Cagliari (1999b; 2000) descreve o processo de crase como o desligamento do núcleo da sílaba inicial da segunda palavra, seguido da sua reassociação ao núcleo sílaba precedente, representando uma ressilabação da estrutura inicial. Por restrições impostas pelo Princípio do Contorno Obrigatório (PCO), as duas vogais acabam se fundindo, embora as moras às quais estavam inicialmente associadas se mantenham (4). Podemos ver a ocorrência desse mesmo processo no encontro das palavras *batalla* e *aver* retiradas do verso 18 da *CSM* 38.



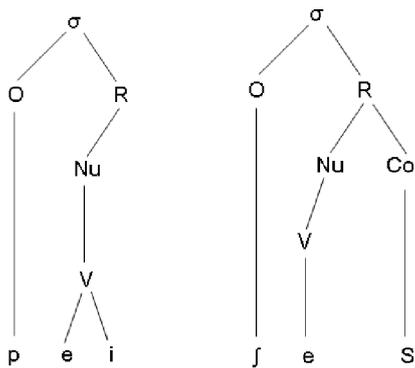
Para finalizarmos a representação dos processos de sândi, temos a ditongação, que consiste em duas vogais sob o domínio da mesma sílaba. Com o intuito de refletir sobre o processo de ditongação, começaremos com o seminal estudo de Bisol (1989), para a ditongação no nível lexical do PB, para depois passarmos a ver a ditongação como solução dos processos de sândi vocálico externo – nível pós-lexical.

Segundo a autora, no Português Brasileiro (PB), há duas classes de ditongos decrescentes no nível lexical: a) ditongo pesado, associado a duas posições no *tier* da rima – (5), e b) ditongo leve – (6), associado a uma só posição. O primeiro, segundo a autora, é o verdadeiro ditongo no PB, pois constitui uma sílaba complexa e tende a ser preservado; o segundo constitui uma rima simples e tende ser perdido (BISOL, 1989).

(5)



(6)

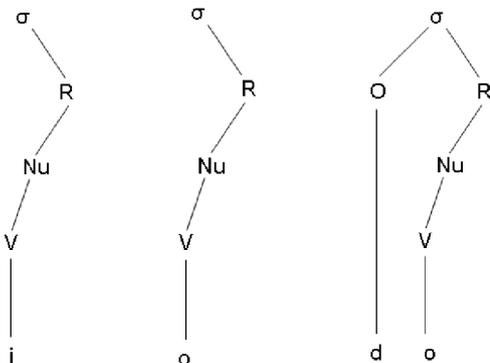


A autora reflete que os ditongos leves (6) são criados no *tier* melódico por processos assimilatórios. Vimos acima a estrutura subjacente dos ditongos e pudemos notar que os ditongos pesados, ao contrário, possuem duas posições.

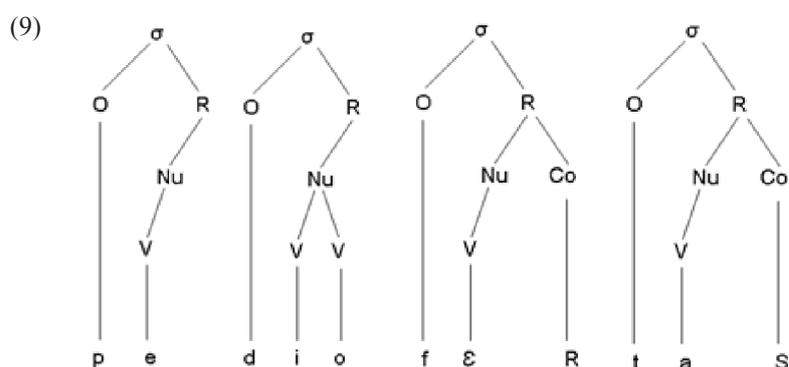
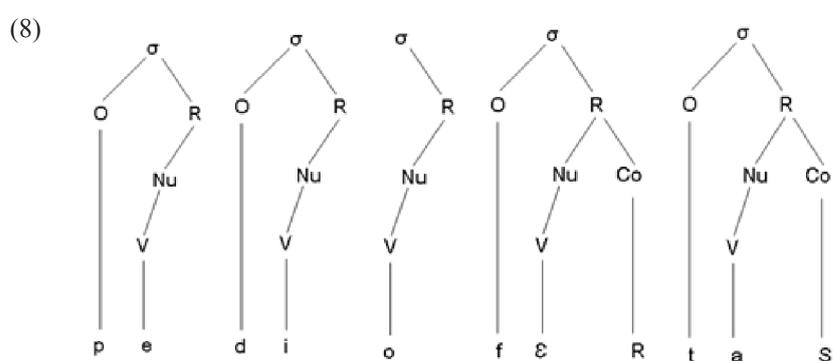
Bisol (1989) constata ainda que os ditongos verdadeiros formam pares mínimos com a vogal simples e são, dessa maneira, ditongos fonológicos. O ditongo leve alterna com a vogal simples, no entanto não causa diferença de sentido, sendo, muitas vezes, um ditongo fonético, pois a formação do glide, segundo a autora, é sempre consequência da palatal. Nesse sentido, a autora afirma que todo ditongo seguido de palatal possui uma vogal somente na estrutura subjacente, criando-se o glide por um processo assimilatório que consiste no espriamento do traço alto da palatal.

A silabação de ditongos crescentes pode ser alternada com a silabação de hiato (7) e, portanto, segundo a autora, também não são ditongos verdadeiros, pois ocupam um núcleo simples (uma vogal somente), sendo a outra pertencente à próxima sílaba.

(7)



Como solução de encontros intervocábulares, podemos aproximar a ditongação resultante de sândi vocálico externo ao exemplo, uma vez que em sua forma de base sua realização é similar à de um hiato (8), pois são palavras diferentes que estão envolvidas e que, como consequência de sua união na cadeia de fala, ficam no domínio de uma mesma sílaba fonética (9), havendo uma reestruturação silábica seguida de uma ressilabação. A ditongação como sândi vocálico externo, segundo Collischonn (2005, p. 127), no PB, é um processo de formação de ditongos com a vogal final de uma palavra e a inicial de outra, “desde que uma das vogais da sequência seja alta (restrição segmental) e átona (restrição rítmica). A ditongação, diferentemente da elisão, pode ocorrer no interior de uma palavra. O ditongo corresponde a duas vogais sobre o domínio do mesmo núcleo, a vogal flutuante é ajustada à rima disponível”.



Como dissemos acima, o sândi vocálico externo é um fenômeno da língua falada, ou seja, oral. Segundo alguns autores, “um corpus escrito não traz muitas pistas sobre como eram proferidos os encontros de vogais em vocábulos adjacentes, sendo praticamente impossível analisar sândi apenas com textos poéticos” (VELOSO, 2003, p. 8).

No entanto, a afirmação de Veloso se refere à atualidade do PB, quando não há mais notações específicas para a elisão na escrita, tanto em textos em prosa quanto nos poéticos. Entretanto, na época dos cancioneiros trovadorescos, a elisão era marcada com a supressão da vogal não realizada, na escrita. Essa diferença dos padrões de escrita atual viabiliza este estudo. Dessa forma, levando em consideração as diferenças entre língua falada e língua escrita, no caso da poesia, podemos observar que vários fenômenos que aparecem na escrita das *CSM* podem refletir processos ocorridos no PA, uma vez que não tínhamos ainda naquela época uma ortografia fortemente estabelecida e muitos dos processos de sândi vocálico externo ocorreriam não por artifício, opção ou estilo do trovador. Estudos de Massini-Cagliari (2005; 2006) comprovam que o trovador não teria opção

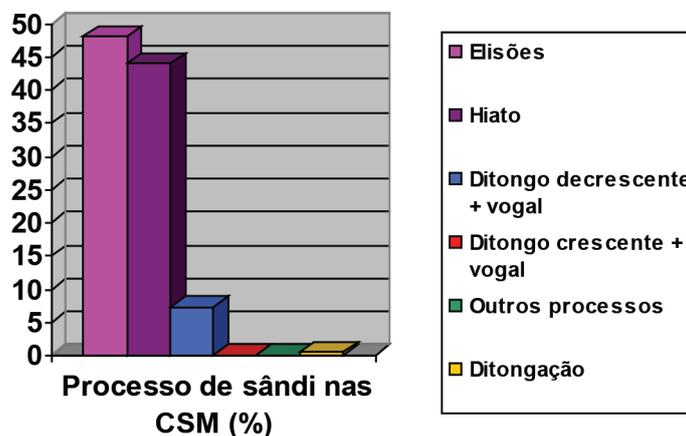
quanto à aplicação ou não dos fenômenos de sândi, pois esses seriam processos “da língua (da fonologia e da gramática) por trás dos versos e não unicamente do estilo” (MASSINI-CAGLIARI, 2006, p. 86). Cunha (1961, p. 43) tinha estabelecido uma “margem de arbítrio” para a aplicação de sândi. Massini-Cagliari (2006, p. 86) observa que essa “margem de arbítrio” é menos de 10%. A autora conclui que os processos de sândi do PA são altamente condicionados por fatores linguísticos. No entanto, há uma pequena margem de manobra, que pode ser explicada pelos trovadores com finalidades estilísticas, que podem optar por aplicar os processos de ditongação, crase e elisão ou manter hiato entre as vogais que se encontram, de modo a obter a quantidade de sílabas poéticas necessária à boa estruturação do verso. (cf. MASSINI-CAGLIARI, 2005)

Na próxima seção veremos as ocorrências e as soluções obrigatórias de acordo com o sistema do PA de processos de sândi vocálico externo encontrados nas *CSM*.

Processos de sândi vocálico externo nas *Cantigas de Santa Maria*: ditongação

Foram mapeadas no âmbito das sessenta *CSM* todas as soluções de ditongação (duas vogais sob o domínio de uma sílaba poética) em junção de palavras. Os resultados encontrados foram 21 (0,5%) processos de ditongação das 4308 ocorrências de encontros vocálicos intervocábulares enquanto 2073 (48,1%) foram referentes aos processos de elisão, 1894 (44,0%) referentes ao processo de hiato, 310 (7,2%) de encontros de ditongos decrescentes com vogal, 5 (0,1%) de encontros de ditongos crescentes com vogal e 5 (0,1%) processos ainda não nomeados pela literatura especializada.²

Gráfico 1 - Processos intervocábulares nas sessenta *CSM*



Portanto, pudemos notar que o processo de ditongação é minoritário. A sinalefa (assim é nomeada por Cunha, 1961) ocorre 21 (0,5%) vezes durante as sessenta primeiras *CSM* e é solução exclusivamente para o encontro do pronome *mi* com uma palavra

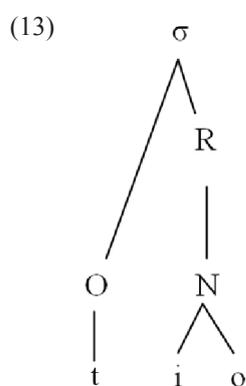
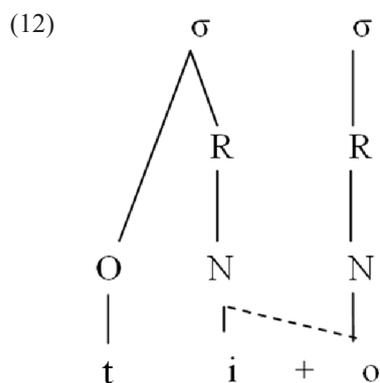
² Um processo que difere do processo de elisão e que ainda não é nomeado pela literatura especializada. Neste processo ocorre o apagamento da vogal inicial da segunda palavra: “aos tres Reis en Ultramar / ouv’ a strela mostrada, (CSM1-38,39)”. Esse é um processo marginal na lírica trovadoresca. No entanto, deve-se observar o contexto em que esse processo ocorre, ou seja, a vogal apagada é /e/ seguida fricativa alveolar surda - /s/. Segundo Massini-Cagliari (2005, p. 235), a vogal apagada /e/ é “a vogal epentética por natureza do PA” e esta vogal encontra-se, como dito acima, no contexto inicial da segunda palavra.

iniciada pelas vogais /a/ ou /o/ (10) e também (menos expressivamente, entretanto) com o pronome *ti* (11):

(10) mi ás/ que/ co/me/sse/ fe/zis/te/ mal; (CSM 15, verso 62 com 9 sílabas poéticas)

(11) Deus/ tio/ de/man/de,/ que/ po/d'e/ val; (CSM 15, verso 64 com 9 sílabas poéticas)

A sinalefa pode ser pensada como um processo de ressilabificação (cf. MASSINI-CAGLIARI, 1999a; 1999b; 2001), pois o núcleo inicial da sílaba da segunda palavra é desligado e incorporado à sílaba anterior (12). Uma das vogais se torna um glide, no caso a vogal /i/, e tem-se uma sílaba ditongada na forma de superfície (13).



Observamos que a ocorrência dos pronomes *mi* e *ti* seguidos das vogais /a/ e /o/ é o contexto da aplicação da ditongação. Podemos observar que esse fenômeno aparece em um contexto muito restrito e sua ocorrência é muito pequena, se comparado com os outros processos; portanto, estamos diante de um processo marginal da língua que dá suporte à lírica trovadoresca.

Tabela 1: Processos de ditongação: quantidade/porcentagem

Vogal final do ditongo	Vogal inicial da palavra seguinte	Ditongação	
i	a (a, â/an)	10	47,6%
	e (e, ê / en)		
	é (/ɛ/)		
	i		
	o	11	52,4%
	ó (/ /)		
	u (ũ / un)		
Total		21 (100%)	

No nível pós-lexical, esse processo fonológico de sândi vocálico externo converte duas sílabas de palavras diferentes em uma, ao tornar em glide uma das vogais do contexto, nas CSM a vogal convertida em glide é /i/ e encontramos somente soluções de ditongos crescentes. Assim, se a primeira vogal tiver o traço [-aberto] (chamada alta) e a segunda tiver o traço [+aberto] (chamada vogal baixa), aquela /i/ se tornará glide ocupando a posição de núcleo e deixando a segunda vogal em posição de coda, formando assim um ditongo crescente.

O contexto definido acima (pronomes *mi/ti* seguidos da vogal /a/ e /o/) é o único contexto favorável à ocorrência da ditongação no *corpus* considerado. Nos casos de uma vogal /i/ (final de qualquer palavra que não *mi/ti*) seguida de outra vogal, o hiato é a solução para o encontro vocálico formado.

Outro fato notado é, no caso de *mi*, embora haja exemplos que comprovem o caráter tônico desse pronome, em que o pronome *mi* é o ponto mais proeminente do verso, há outros, que comprovam sua atonicidade, podendo se realizar como um clítico. Dessa forma, é importante na investigação dos processos de sândi vocálico externo considerar o domínio do grupo clítico, pois ele pode favorecer ou não a aplicação de certos processos.

Tal fato levanta a hipótese da existência de duas formas para cada um desses pronomes: uma tônica (que bloqueia a ditongação), exemplos em (14) e (15), tornando a sequência um hiato, e outra átona (sujeita à ditongação), mostrada acima. Portanto, o contexto de aplicação da solução de ditongação é restrito ao contexto de ambas as vogais envolvidas serem átonas.

(14) de/ **mi**/ e/ da/ ou/tro/ do/na/, a/ que/ te/ mais/ praz/ (CSM 16, verso 67 com 13 sílabas poéticas)

(15) tan/to/ que/ es/t'a/no/ re/zes/ por/ **mi**/ **ou**/tra/ vez/ (CSM 16, verso 77 com 13 sílabas poéticas)

Assim, concluímos que, de todos os processos de sândi encontrados no PA, a ditongação é o que tem o contexto desencadeador mais restrito: apenas ocorre depois dos pronomes átonos *mi* e *ti*, sendo este primeiro mais recorrente.

Conclusão

A questão que nos interessou perseguir neste trabalho foi o comportamento dos processos de sândi que ocorrem em juntura de palavras do português na época medieval, com especial atenção para a ditongação.

Vimos que, se comparado com os demais processos mapeados nas sessenta primeiras CSM, a ditongação constitui um processo marginal.

Observamos que, para a ocorrência da ditongação, há, inicialmente, o encontro de dois núcleos de sílabas pertencentes a palavras diferentes. Posteriormente, o núcleo da sílaba da segunda palavra é desligado e incorporado à sílaba anterior. Uma das vogais se torna um glide, no caso a vogal /i/, e tem-se uma sílaba ditongada na forma de superfície. O ditongo crescente prevalece nos contextos de juntura intervocabular.

No entanto, embora haja no nível superficial a realização de uma ditongação, em que uma das vogais se torna um glide em um determinado contexto, nos termos de Bisol (1989), o que temos é um falso ditongo, uma vez que no nível subjacente ou profundo, sua representação é de hiato, ou seja, as vogais envolvidas pertencem a sílabas distintas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABAURRE, M.; GALVES, C.; SCARPA, E. A interface fonologia-sintaxe. Evidências do Português Brasileiro para uma hipótese top-down na aquisição da linguagem. In: SCARPA, E. (Org.). *Estudos da prosódia*. Campinas: UNICAMP, 1999. p. 285-323.

ABAURRE, M. Acento frasal e os processos fonológicos segmentais. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 31, n. 2, p. 41-50, 1996.

BISOL, L. A elisão, uma regra variável. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 319-330, 2000.

_____. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. *DELTA*, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 185-224, 1989.

COLLISCHONN, G. A sílaba em português. In: BISOL, L. (Org.) *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005. p. 101-129.

CRYSTAL, D. *Dicionário de linguística e fonética*. Tradução e adaptação de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

CUNHA, C. *Estudos de Poética Trovadoresca: versificação e ecdótica*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1961.

HOGG, R.; MCCULLY, C. B. *Metrical Phonology: a coursebook*. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

ILARI, R.; BASSO, R. *O português da gente*. São Paulo: Contexto, 2007.

MASSINI-CAGLIARI, G. *Do poético ao linguístico no ritmo dos trovadores: três momentos da história do acento*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 1999a.

_____. *Sândi Vocálico Externo nas Cantigas Medievais Portuguesas*. Trabalho Inédito. Araraquara: FCL – UNESP, 1999b.

_____. O sândi vocálico externo no português arcaico visto pela teoria da otimidade. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGUÍSTICA, XV, 1999, Faro. *Actas...* Braga: APL, 2000. v. II, p. 59-75.

_____. *Elisão nas cantigas profanas galego-portuguesas*: processo obrigatório ou opcional? Comunicação apresentada no IV EIEM – Encontro Internacional de Estudos Medievais. Belo Horizonte: PUC Minas, 2001.

_____. *A música da fala dos trovadores*: estudos de prosódia do português arcaico, a partir das cantigas profanas e religiosas. 2005. Tese (Livre docência em Linguística). Faculdade de Ciências e Letras-UNESP, Araraquara.

_____. Sândi vocálico externo em Português Arcaico: condicionamentos linguísticos e usos estilísticos. *Estudos Linguísticos*, Araraquara, n. XXXV, v. único, p. 76-94, 2006.

_____. Legitimidade e identidade: da pertinência da consideração das Cantigas de Santa Maria de Afonso X como *corpus* da diacronia do Português. In: MURAKAWA, C.; GONÇALVES, M. (Orgs.) *Novas contribuições para o estudo da história e da historiografia da língua portuguesa*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2007. p. 101-126.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

O'CALLAGHAN, J. *Alfonso X and the Cantigas de Santa Maria: a poetic biography*. Boston: Brill, 1998.

PARKINSON, S. As Cantigas de Santa Maria: estado das questões textuais. *Anuario de estudios literarios galegos*, Vigo, p. 179-205, 1998.

SELKIRK, E. O. *Phonology and Syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1984.

SNOW, J. T. Current Status of Cantigas Studies. In: KATZ, I. J.; KELLER, J. E. (Eds.). *Studies on the Cantigas de Santa Maria: Art, Music, and Poetry*. Madison: The Hispanic Seminary of Medieval Studies, Ltd., 1987. p. 475-486.

TRASK, R. *Dicionário de linguagem e linguística*. Tradução e adaptação de Rodolfo Ilari. São Paulo: Contexto, 2004.

VELOSO, B. *O sândi vocálico externo e os monomorfemas em três variedades do português*. 2003. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

XAVIER, M. F.; MATEUS, M. H. M. (Orgs.). *Dicionário de termos linguísticos*. Lisboa: Cosmos, 1990. v. 1.